

Educação e Saúde: a vida interrogada

Monique Borba Cerqueira*

“Como seria o sapo-boi? Pelas informações possuía natureza igual à natureza humana. Esquisito. Se eu pudesse correr, sair de casa, molhar-me, enlamear-me, deitar barquinhos no enxurro e fabricar edifícios de areia, como o Sabiá novo, certamente não pensaria nessas coisas.”

Graciliano Ramos¹

Quem somos nós no campo das idéias e das práticas sociais nas áreas de educação e saúde?

Até que ponto conseguimos resistir às forças conservadoras originalmente investidas nessas áreas?

Para refletir sobre isso, proponho retomar o olhar de Michel Foucault e sua tentativa de estabelecer uma problematização sobre o “mesmo” de forma nova. Para isso é preciso que nossa curiosidade e inquietação criem um estado de prontidão para perceber a riqueza do singular, do estranho.

Nosso primeiro passo é operar um deslocamento crítico e atentar para uma das heranças mais perversas do platonismo que consiste em aprisionar o mundo em medidas que capturam a diferença. Silenciadas em modelos ideais, as diferenças são domesticadas num regime de veneração desmedida da semelhança. Tudo se passa como nossa experiência diante do espelho. Jamais percebemos ali nossa singularidade enquanto convite surpreendente às possibilidades de existir. Ao invés disso, esperamos que o nosso reflexo na lâmina de cristal nos conduza à pacificação produzida por uma firme vontade de semelhança.

É assim que podemos observar hoje a *saúde* e o *saudável* como referenciais informados por um modelo de corpo perfeito, de otimização da capacidade física em todas as idades, de administração do risco e conciliação da subjetividade através de grandes estratégias de prevenção. No tocante à Educação, cuja emergência no interior de um projeto iluminista, a situa numa trajetória da raça humana rumo a uma moral universal, seus princípios consolidam-se em direção à auto-realização intelectual conduzida pela Razão. A crença numa *razão educadora*, acalentada pelo pensamento liberal, passa a ser um dos dogmas mais preciosos da sociedade moderna, baseada no princípio do mérito e fundamentada em métodos universais, passíveis de aplicação em qualquer contexto. Este é o quadro que configura ainda hoje o sonho moderno da educação de massa.

É assim que Educação e Saúde surgem como campos destinados à reorganização da sociedade moderna, a partir de uma inusitada forma de administração dos corpos, a que Foucault (2002) denomina *uma gestão calculada da vida*, relacionada às estratégias de

melhoramento, aperfeiçoamento e correção, exercidas sobre o corpo individual e coletivo através das tecnologias disciplinar e biopolítica. Nesse sentido, a dimensão biopolítica da população é uma inovação histórica, onde, pela primeira vez, a vida é identificada numericamente, fazendo com que o biológico inscreva-se no registro da política. A vida das populações converte-se, portanto, em objeto de saber e em espaço de poder e intervenção.

É o surgimento de uma nova preocupação política interessada em maximizar o vigor e a saúde dos corpos, considerados desde uma perspectiva populacional, passando a incluir os estudos estatísticos sobre demografia, taxas diferenciais de mortalidade, registros de nascimento e enfermidades, bem como o conhecimento da distribuição e controle das epidemias. São as biopolíticas da saúde, assinalando o poder sobre a vida.

Foucault, portanto, nos revela como se dá o controle e ajustamento do indivíduo no contexto de uma rede institucional de vigilância e correção, protagonizada por instituições como a escola e o hospital, criadas para incluir socialmente num aparelho insaciável de reabilitação do humano e obsessiva melhoria do potencial produtivo.

Em que pese todas as transformações do mundo contemporâneo, o que continua em jogo é a lógica que se pretende imprimir a vida. Portanto, atuar nos campos de Educação e Saúde significa interrogar sobre a nossa capacidade de afirmar a vida. E nada mais desonesto com a vida do que tentar aprisioná-la em modelos e sistemas sem problematizá-la, sem correr o risco de mostrar os limites da teoria, de criar novas experiências e atitudes.

Referência bibliográfica

FOUCAULT, MICHEL. Em defesa da Sociedade. Tradução por Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

* Socióloga, Pesquisadora do Núcleo de Investigação em Educação em Saúde do Instituto de Saúde.

¹ RAMOS, Graciliano. Infância. Rio de Janeiro: Record, 1995.